

Arqueologia funerária alto medieval da Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança)

SOFIA TERESO^(a), ANDRÉ BRITO^(b), CLÁUDIA UMBELINO^(c), MIGUEL CIPRIANO^(d),
CLARA ANDRÉ^(e), PEDRO C. CARVALHO^(f) ¹

RESUMO

Apresentam-se os resultados das campanhas de escavação efetuadas no sítio da Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança), durante os verões de 2012 e 2013, referentes ao seu espaço funerário e também religioso: séc. V/VI-XII. A análise será feita de forma integrada, articulando os dados de natureza arqueológica (cronologia, contexto estratigráfico, estruturas e materiais associados) e antropológica (antropologia funerária, estudo paleobiológico e análises químicas e moleculares), a par de uma breve contextualização histórica do sítio – um dos mais referidos na bibliografia arqueológica de Trás-os-Montes, identificado habitualmente como sede, em época romana, da *civitas Zoelarum* e, depois, do *pagus* suévico de *Brigantia*.

PALAVRAS-CHAVE: *Brigantia*, antiguidade tardia / alta-idade média, arqueologia e antropologia funerária, perfil biológico, paleopatologia, paleogenética, análises de isótopos estáveis de C e N.

1. INTRODUÇÃO

O sítio da Torre Velha, em Castro de Avelãs (Bragança), é seguramente um dos mais referen-

ciados (se não é mesmo o mais referenciado) na bibliografia arqueológica do nordeste transmontano. Este destaque resulta do facto de A Torre Velha ser habitualmente identificada como capital dos Zoelas / *Zoelae* (COSTA, 1959, vol. I, p. 136; ALARCÃO, 1988a, vol. II, p. 39; 1988b, pp. 57 e 96; 1990, p. 373; LEMOS, 1993, vol. II, pp. 34 e 66). Os achados que têm sido aqui efetuados, desde aqueles revelados pelas escavações de José Henriques Pinheiro (1888) em finais do séc. XIX aos que foram dando corpo a um significativo conjunto de epígrafes (que inclui a dedicatória pela *ordo Zoelarum* ao deus *Aerno*: CIL 2606; REDENTOR, 2002, n.º 1), têm sustentado esta proposta relativa à capitalidade política dos Zoelas em época romana.

Os Zoelas (ou Zelas), localizáveis genericamente no nordeste transmontano (e centrados na depressão de Bragança), são, de acordo com Plínio-o-Velho, um dos 22 povos integráveis no grupo dos Ástures Augustanos (Plin., *nat.*, 3.28). A conhecida «Tabula de Astorga» que faz referência a este povo (CIL II 2633) denuncia uma organização social com base em *gentilitates* (integradas na *gens Zoelarum*), tendo esta possível comunidade política evoluído —provavelmente ao tempo do imperador Cláudio— para o quadro de uma *ciuitas*, passando a integrar o *conuentus Asturum* (LEMOS, 1993 Ib, p. 388).

A centralidade do sítio também encontra acolhimento no facto deste poder corresponder a um importante nó viário. Com efeito, por Castro de Avelãs passaria também a importante *via XVII* do *Itinerário de Antonino* (fig. 8.1). O achado neste lugar de dois miliários —um de Augusto (2 a.C.) (REDENTOR, 2002, n.º 127) e outro de Caracala (213-214) (REDENTOR, 2002, n.º 129)— atestará a passagem desse *cursus publicus* que cruzava, desde *Asturica Augusta* a Bra-

¹ (a) Arqueóloga. Mestre em Evolução Humana (Antropologia Biológica) pela FCTUC. Investigadora do CIAS. (sofiatereso@gmail.com)

(b) Arqueólogo. Mestre em Evolução e Biologia Humanas (Antropologia Biológica) pela FCTUC. (andre_1987_brito@hotmail.com)

(c) Antropóloga e docente do Dep de Ciências da Vida-FCTUC. Investigadora do CIAS. (umbelino@antrop.uc.pt)

(d) Arqueólogo. Mestre em Arqueologia e Território (arqueogeografia)-FLUC. (cipriano1969@hotmail.com)

(e) Arqueóloga. Município de Bragança (c.machaqueiro@sapo.pt)

(f) Arqueólogo e docente do Dep. de HEAAA-FLUC. Investigador de CEAAAC. (pedrooak@gmail.com)



Figura 8.1. Localização de Castro de Avelãs (Bragança) no percurso da Via XVII do Itinerário de Antonino

cara Augusta, toda esta região do noroeste peninsular. Neste ponto poderiam inclusivamente entroncar os dois ramais da *via XVII* que ligariam *Aquae Flaviae* (Chaves) à região de Bragança. Alguns autores, com base nesta posição estratégica, têm inclusivamente considerado a possibilidade de Castro de Avelãs também incorporar uma estação de muda que serviria os correios e transportes vinculados à administração imperial – propõem mesmo que este lugar poderá corresponder à *mansio* (mencionada no *Itinerário de Antonino*) de *Roboretum* (LE MOS, 2009).

À *civitas* dos *Zoelae*, na época suévica, poderá ter sucedido o *pagus Brigantia*, mencionado no *Parochiale Suevum* (ALARCÃO, 2001, p. 35; FERNANDES, 1997, p. 63). Com efeito, entre a lista de bispados e respetivas paróquias apresentada no *Parochiale* (redigida pouco antes de 585 d.C.) conta-se o *pagus* Suévico de *Brigantia*, cuja sede, como tem sido proposto, se poderia situar em Castro de Avelãs.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA

Os resultados da investigação efetuada em 2012 e 2013 na Torre Velha de Castro de Avelãs apontam claramente para a importância do local². Tanto

² O plano de investigação arqueológica (coordenado por P.C. Carvalho e C. André) foi executado entre 2012 e 2013, no quadro de um protocolo celebrado entre o Município de Bragança e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

a considerável extensão dos vestígios, ocupando talvez cerca de 3 hectares, como a ampla diacronia de ocupação que revelam, balizada pelo menos entre o séc. I d.C. e o séc. XII, concorrem para afirmar uma provável capitalidade. Por seu lado, quer a ocupação romana, que se estende claramente entre o séc. I e o III/IV, documentada por um registo material algo significativo, quer a da Antiguidade Tardia (e Alta Idade Média), revelada também pelos restos de um edifício que julgamos poder corresponder a uma primitiva igreja (cuja datação parece centrar-se no séc. V-VII) (descoberta em 2013) e por uma ampla necrópole (com pelo menos 0,5 hectare e com sepulturas datadas por radiocarbono entre o séc. VI e XII/XIII) (TERESO *et alii*, no prelo), constituem aspetos que não podem deixar de ser devidamente destacados no quadro da problemática em apreço, face também à ausência de outros contextos arqueológicos nesta região que revelem uma idêntica amplitude³.

³ Neste texto não desenvolveremos as questões que se colocam com a descoberta do espaço construído da Antiguidade Tardia (plano, estrutura, funcionalidade, interpretação e contextualização histórica), o qual, desde já, interpretamos como possível templo (paroquial). A continuidade das escavações prevista para 2015 (e o alargamento da área sondada nesta área em particular) aconselha que se aguarde pelos novos dados. Seja como for, desde logo em termos de datação, os indicadores até agora obtidos, como veremos adiante, permitem considerar como muito provável a sua construção a partir de finais do séc. IV (possivelmente já no decurso do séc. V) e o seu abandono em finais do séc. VII (ou inícios do VIII). Por sua vez, a formação tanto do espaço funerário como do eventual espaço de culto tardo-antigo poderá ter

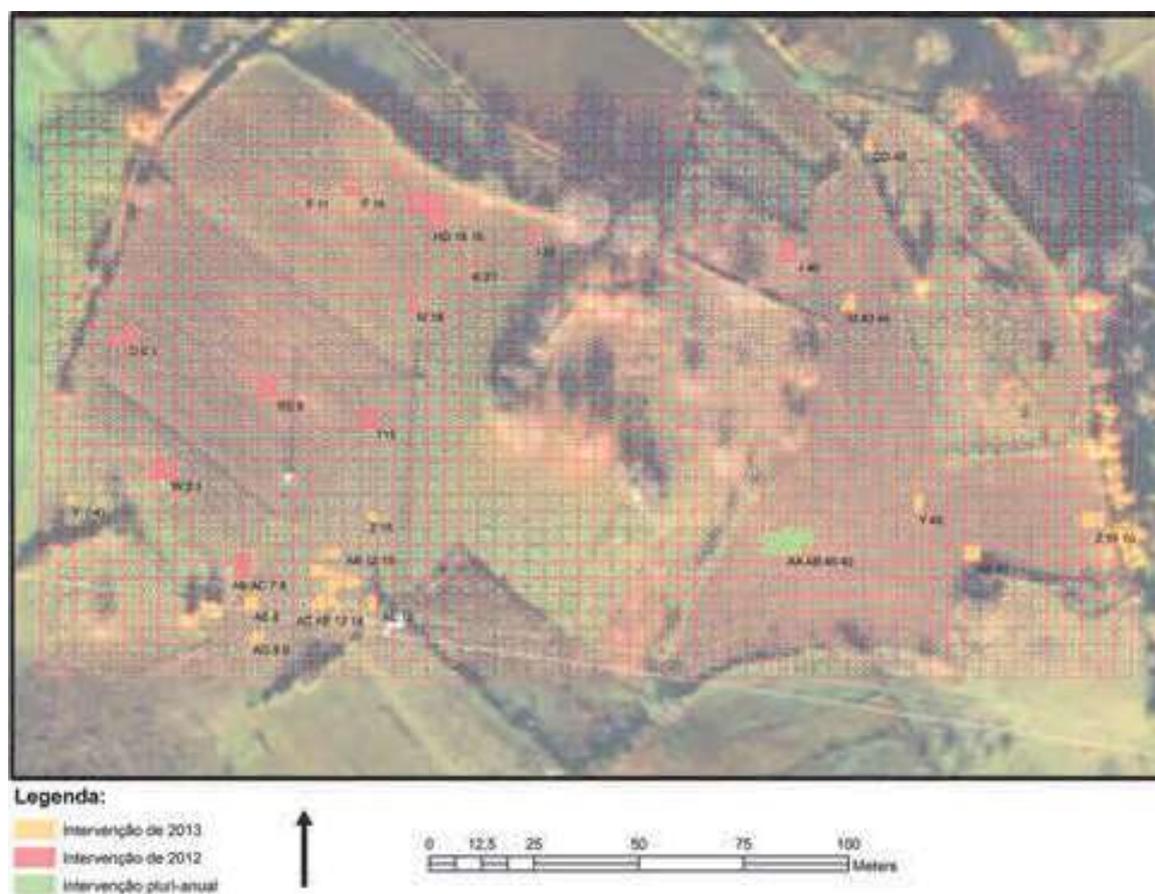


Figura 8.2. Plano com a localização (e designação) das sondagens efetuadas na Torre Velha em 2012-13

Por sua vez, parece-nos que também não será propriamente uma coincidência o facto de o maior mosteiro medieval deste nordeste transmontano (FERNANDES, 2012) ter sido construído em Castro de Avelãs, podendo a sua fundação ser anterior ao séc. XII⁴, tal como não será o facto da capitalidade em Bragança ter sido assumida, em finais do

— sido simultânea — todavia e por enquanto, podemos apenas referir que a necrópole recua, pelo menos, ao (final do) séc. VI pelo facto de ser essa a indicação que encerra a mais antiga das sepulturas que —por agora— temos datadas por radiocarbono. Refira-se ainda que o espaço funerário revelou-se nas sondagens AE15, AC AE 12 14, AC 7 8, AB 12 13, RS 9, W 2 3, O0 1 e Y-4 (cf. fig. 8.2).

⁴ Cronistas do séc. XVII situaram esse momento fundacional na segunda metade do séc. VII, relacionando-o com S. Frutuoso; outras fontes documentais sugerem que já seria mosteiro na segunda metade do séc. XI (ou mesmo já nos finais do séc. IX); indiscutível será a sua existência em 1145 (antes da concessão de foral e da construção das muralhas de Bragança, em 1187) (FERNANDES, 2012, p. 84).

séc. XII, precisamente no momento em que se registam os últimos enterramentos na Torre Velha, podendo então ter ocorrido um fenómeno de deslocalização do centro, acompanhado por uma mudança de nome, como as fontes documentais de algum modo parecem sugerir (cf. Foral de Bragança e Carta de Escambo de D. Sancho I de 1187: AZEVEDO *et alii*, 1979, p. 33, n.º 21)⁵.

Como forma de avaliar o potencial científico e patrimonial do local, a intervenção até agora efetuada neste sítio traduziu-se em diversas sondagens de diagnóstico distribuídas por diferentes áreas da Torre Velha onde se observam materiais à superfície (fig. 8.2). Numa das áreas que

⁵ Desde pelo menos o séc. XI que *Brigantia* já se encontraria muito arruinada — esta condição de ruína de *Vergantia* (= *Brigantia*) é referida num documento datado de 1078 (celebra o acordo que resolveu o litígio entre os bispos de Braga e de Orense sobre a posse do território de *Baronceli*; cf. COSTA, 1959, docs. 25 e 25A).



Figura 8.3. Perspetiva geral que engloba as sondagens AE12 / AD13 – observa-se o alinhamento das bases quadrangulares e sepulturas associadas (tipo *covacho aberto no substrato rochoso delimitado por lajes de xisto*)

consideramos centrais, com um domínio visual privilegiado sobre o vale e o principal corredor de passagem que cruzaria essa zona (a referida *via XVII* do Itinerário de Antonino), as sondagens aí efetuadas (*Sond. AE12*, com 8 m²)⁶ colocaram a descoberto três silhares graníticos alinhados, os quais compõem os alicerces do cunhal de um edifício que consideramos ser de provável natureza religiosa⁷ – esta revelação, publicada aqui pela primeira vez, acaba por constituir uma das mais interessantes da campanha de 2013. Este edifício, com o seu eixo principal aparentemente alinhado no sentido este/oeste (é esta também a orientação das sepulturas), mostra numa das partes do seu interior uma fiada de 3 bases graníticas quadrangulares (bem talhadas, com cerca de 0.62 m de largo cada) que parecem denunciar a presença de um pórtico, configurando assim, provavelmente, a separação entre uma nave central e ou-

tra lateral (fig. 8.3). No seu espaço interior (e exterior) identificaram-se algumas sepulturas em cova aberta no substrato rochoso e delimitadas irregularmente por pequenas pedras toscas (também, como referido, com orientação este/oeste). Estas parecem ser contemporâneas do edifício, enquanto outras, também identificadas nesta mesma área, são claramente posteriores, pelo facto de terem sido já abertas nos seus níveis de derrube e abandono.

A recolha bem contextualizada nos níveis de construção (terra de enchimento da vala de fundação do alicerce) de *terra sigilata* hispânica tardia, datável da segunda metade (finais) do IV (ou já dos inícios do séc. V), permite fixar a construção do edifício em finais do séc. IV ou num período imediatamente posterior⁸. Quanto ao

⁶ Esta sondagem, assim como as outras contíguas, foi aberta numa zona com uma baixa potência estratigráfica, não se tendo documentado níveis de ocupação de época romana.

⁷ Durante as escavações desenvolvidas neste local nos finais do séc. XIX tinham sido descobertos os restos de um edifício então identificado como a «igreja de S. Sebastião» – este edifício encontrava-se associado a uma necrópole cuja descrição faz lembrar aquela que agora observamos (PINHEIRO, 1888).

⁸ A TSHT encontra-se representada nestes níveis por quatro fragmentos (três de forma indeterminada, produção do Douro, e um outro fragmento, eventualmente de uma Ritt. 8). Não os consideramos, porém, como materiais residuais, uma vez se tornam expressivos face à mingua de outros materiais. Aliás, em toda a sequência estratigráfica desta sondagem *AE12* os materiais foram sempre muito escassos, resumindo-se, no cômputo geral, a mais dois fragmentos de TSHT, a um fragmento de cerâmica de engobe vermelho (produção de Lugo e aparentemente tardia); mesmo a cerâmica comum (quase sempre incharacterística) resumiu-se a poucos fragmentos. Nas sondagens contíguas o panorama

Osso	Sond.	Ind.	Ref. do Laboratório	Resultado BP	Cal d.C 2 σ	$\delta^{13}C$ (‰)
Úlna dir.	R9/S9	11 (2012)	Beta-334443	970 \pm 30	Cal AD 1020-1160 (Cal BP 930-800)	-19,0
Fíbula dir.	W3	8 (2012)	Beta-334444	960 \pm 30	Cal AD 1020-1160 (Cal BP 930-790)	-19,2
Fíbula esq.	O0/1	17 (2012)	Beta-334445	930 \pm 30	Cal AD 1020-1170 (Cal BP 930-780)	-18,7
Fíbula esq.	O0/1	19 (2012)	Beta-334446	930 \pm 30	Cal AD 1020-1170 (Cal BP 930-780)	-19,5
Tíbia esq.	R9	9 (2012)	Beta-334447	1350 \pm 30	Cal AD 650-690 (Cal BP 1300-1260)	-19,3
Úmero e Úlna dir.	W3	2 (2012)	Beta-334448	900 \pm 30	Cal AD 1030-1220 (Cal BP 920-740)	-19,2
Úmero	AD13	5 (2013)	Beta-371597	1320 \pm 30	Cal AD 650-720 (Cal BP 1300-1230), Cal AD 740-770 (Cal BP 1210-1180)	-19,9
Fémur	AC7	13 (2012)	Beta-371599	1460 \pm 30	Cal AD 550-650 (Cal BP 1400-1300)	-18,8

Tabela 8.1. Datações AMS

momento de abandono, a datação radiocarbónica obtida para um dos indivíduos exumados numa das sepulturas abertas no nível de destruição deste mesmo edifício (AD13.5)(Cal AD 650 to 720; Cal AD 740 to 770), permite-nos propor o seu funcionamento entre o séc. V e o VII, encontrando-se já destruído ou arrasado a dado momento do séc. VIII. O que resta deste edifício encontra-se em fase de estudo, tornando-se imprescindível alargar a área escavada na tentativa de obter outros elementos construtivos mais esclarecedores, mas poderá desde já referir-se que este possível espaço religioso, não obstante ter sido abandonado no séc. VIII, continuará a ser solo sagrado, uma vez que após esse momento não deixará de ser espaço funerário.

Este espaço intervencionado localiza-se na parte mais a ocidente da Torre Velha / Terras de S. Sebastião, ocupando uma área que, por agora, não revelou níveis estratigráficos anteriores, de época romana (quer sejam alto-imperiais ou um pouco mais tardios). Tanto as sepulturas como os caboucos do edifício não cortaram contextos estratigráficos romanos. O possível espaço religioso foi edificado sobre uma área limpa de qualquer tipo de vestígio, assentando o que resta das suas estruturas diretamente (ou quase diretamente) sobre o substrato rochoso⁹. O espaço habitacional romano situa-se

continuou a ser o mesmo, destacando-se apenas a recolha de dois fragmentos de TSA(D), documentada pela primeira vez na Torre Velha.

⁹ Num um local em que, como referimos, não se registam sinais de uma efetiva ocupação romana e em que os níveis estratigráficos de ocupação pós-romana se encontram muito truncados, sendo mesmo inexistentes, os materiais encontrados são, por conseguinte, muito raros. Entre

várias dezenas de metros mais para nascente, assim como ocorrerá com a respetiva necrópole, aparentemente situada a algumas centenas de metros na encosta E/NE da colina da Torre Velha¹⁰. Uma ou outra área deste lugar encerram vestígios ocupacionais do Baixo Império que se prolongarão para os séculos V-VI(VII), não tendo sido observados até ao momento traços claros de um espaço habitacional posterior a este período, ou seja, contemporâneo de parte da necrópole identificada.

Em termos gerais, a escavação do espaço funerário revelou um conjunto de 43 sepulturas (34 escavadas), tendo sido exumados 21 indivíduos em 2012 e 12 em 2013. Dada a ausência de espólio associado aos indivíduos exumados, as datações foram conseguidas através de análises radiocarbónicas (AMS) aos restos ósseos (efetuadas nos laboratórios da *Beta Analytic*). Para as análises foram recolhidas nove amostras de osso (de oito indivíduos), tendo em conta a tipologia da sepultura e o seu contexto de deposição (Tabela 8.1)¹¹.

os escassíssimos materiais recolhidos nesta área, e frequentemente na camada arável de superfície, registaram-se escassos fragmentos de cerâmica comum (fabricos a torno e torno lento, cozeduras redutoras, superfícies cinzentas e micáceas; um ou outro fragmento apresentava-se ainda decorado no bojo mediante a aplicação de cordão plástico digitado), para além dos referidos fragmentos de TSHT e de sigilata africana (fabrico D).

¹⁰ Durante as nossas campanhas de escavação encontramos dois fragmentos de inscrições romanas reutilizadas como pedras delimitadoras das sepulturas alto-medievais (este tipo de reaproveitamento de epígrafes já se encontra relatado para as escavações de 1887: PINHEIRO, 1888).

¹¹ Perante a continuidade das escavações neste local em 2015, como referimos antes, pre vemos se possível em 2016 publicar os resultados de toda a intervenção, avançando en-

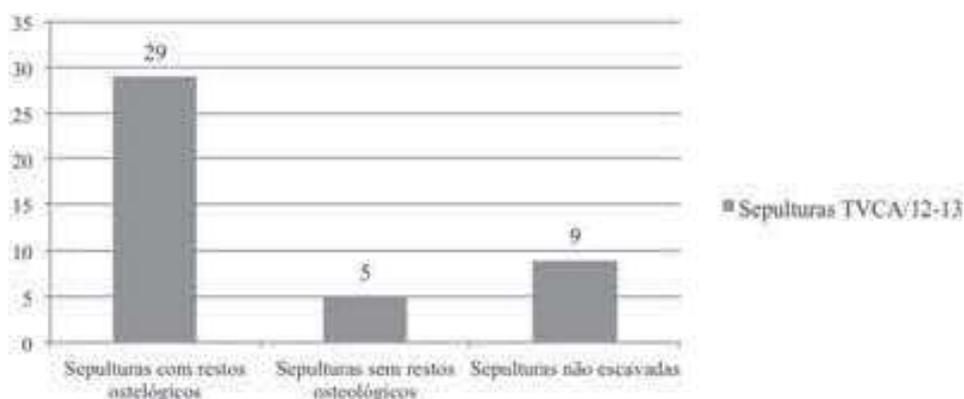


Figura 8.4. Total de sepulturas identificadas em TVCA-12/13

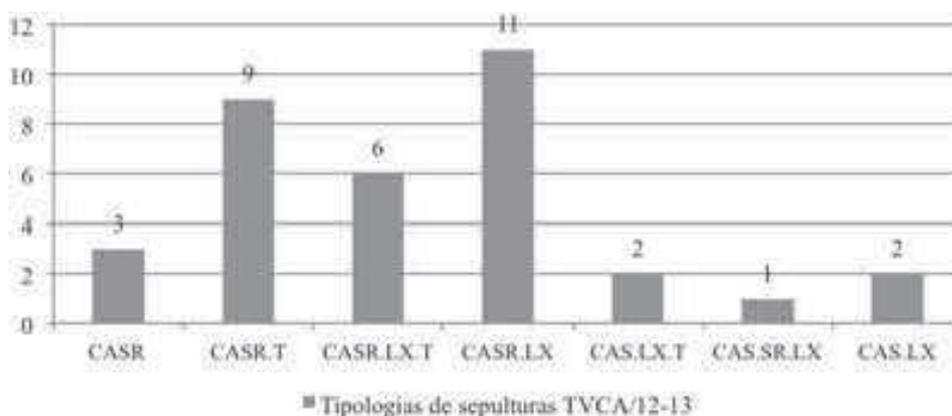


Figura 8.5. Tipologia das sepulturas registradas em TVCA-12/13

3. ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA FUNERÁRIA: ANÁLISE PRELIMINAR

A escavação colocou a descoberto, como referimos, um vasto espaço funerário de cronologia alto-medieval. Numa área total escavada de 190,98 m² foram descobertas 43 sepulturas, tendo sido escavadas 34 (fig. 8.4). Algumas sepulturas não foram escavadas pelo facto de se encontrarem inseridas nos cortes das sondagens. Não apresentavam restos osteológicos apenas 5 das 34 sepulturas escavadas.

tão com um quadro analítico e com uma componente gráfica (plantas detalhadas da escavação, nomeadamente da área da necrópole) que este texto não comporta – por agora, contudo, parece-nos importante avançar aqui com diversa informação inédita.

No conjunto das 34 sepulturas escavadas registaram-se sete tipologias distintas:

- Covacho aberto no substrato rochoso (CASR);
- Covacho aberto no substrato rochoso com tampa de lajes de xisto (CASR.T);
- Covacho aberto no substrato rochoso, delimitado por lajes de xisto em forma de caixa/oval, com tampa de lajes de xisto a cobri-lo (CASR.LX.T);
- Covacho aberto no substrato rochoso, delimitado por lajes de xisto em forma de caixa/oval, sem tampa de lajes de xisto a cobri-lo (CASR.LX.);
- Covacho aberto no solo delimitado e coberto por lajes de xisto (CAS.LX.T);
- Covacho oval/caixa aberto numa unidade estratigráfica e no substrato rochoso, delimitado por lajes de xisto em forma de caixa/oval, com tampa de lajes de xisto a cobri-lo (CASR.LX.T);



Figura 8.6. Sepulturas do século VI-VIII



Figura 8.7. Sepulturas do século XI-XII

mitada por lajes de xisto, sem tampa de lajes de xisto a cobri-lo (CAS.SR.LX);

- g) Covacho aberto no solo ou unidade estratigráfica, de forma oval delimitado por lajes de xisto, sem tampa a cobri-lo (CAS.LX.).

A maioria das sepulturas apresenta-se aberta no substrato rochoso, diferenciando-se na delimitação e forma da sepultura ou na colocação ou não de tampa. A ausência da tampa poderá não ter sido propositada, mas provocada pelos trabalhos agrícolas recentes. No entanto, como não dispomos de certezas, optou-se por atribuir uma tipologia distinta, deixando em aberto essa possibilidade. Os trabalhos futuros poderão trazer novos dados.

Na figura 8.5 é possível observar-se que, nas 34 sepulturas escavadas, existe uma predominância dos covachos simples abertos no substrato rochoso, ladeados por lajes de xisto (CASR.LX; N=11/34). A tipologia que apresenta um só exemplo é aquela que se encontrava aberta no solo e no substrato rochoso, com lajes de xisto a delimitar.

Parece por agora verificar-se que as sepulturas mais antigas (VI-VIII)¹² encontram-se delimitadas por pequenas pedras e lajes de xisto (fig. 8.3 e fig. 8.6), ao contrário das mais recentes (X-XII) que se mostram como simples covachos abertos no substrato rochoso, com ou sem tampa (estas, pontualmente, aparecem com uma laje aos pés e outra na cabeceira) (fig. 8.7).

Ao mesmo tempo, verifica-se também que os covachos deixam de ser delimitados, as tampas ganham visibilidade e atesta-se o cuidado no cobrir da sepultura. Nesta necrópole observou-se que a partir do século X (e até ao XII), as lajes de xisto são nitidamente escolhidas, talhadas e bem estruturadas sobre o covacho. Deixam de existir os montículos de pedras e passam a existir tampas bem estruturadas, constituídas por várias lajes de xisto ou, por vezes, por apenas uma, assumindo estas grandes dimensões (fig. 8.7).

¹² Podemos até recuar este âmbito cronológico para os séculos V, admitindo que algumas das sepulturas identificadas no interior do eventual espaço de culto (sondagens AE12/AD13) são contemporâneas deste.



Figura 8.8. Indivíduo 11/R9

Com base no que se identificou até ao momento, as sepulturas mais antigas parecem encontrar-se no quadrante sudoeste da área escavada (AC7, AD13), enquanto as mais recentes se encontram mais para noroeste (W2/3, O01), ainda que estas também se misturem numa mesma sondagem (R9) (cf. fig. 8.2). Não podemos deixar de perguntar se esta distribuição espacial não se terá processado a partir de um primitivo espaço religioso cristão (que julgamos ter identificado na sondagem AE12, como vimos antes).

A grande maioria dos indivíduos e respectivas sepulturas revela a crença na Ressurreição, apresentando-se virados para Nascente (cabeça para Oeste e pés para Este) (fig. 8.8), com exceção do indivíduo 14 (não-adulto), com uma orientação SE-NW e das sepulturas da sondagem AC7-8/AB7-8, cujos indivíduos 13 e 15 (o primeiro do séc. VI-VIII) apresentam uma ligeira inclinação para NE (SW-NE), podendo suspeitar-se que possa ser devido à estação do ano em que foram sepultados.

Os indivíduos cuja posição foi possível determinar encontravam-se colocados em decúbito dorsal, com os membros superiores ligeiramente flectidos, com as mãos sobre a anca ou com os

braços flectidos sobre o peito. Os membros inferiores foram colocados paralelos, exceptuando o indivíduo 12/R9 que tinha os pés cruzados.

As sepulturas dos indivíduos 7/[41] da sondagem W3-2, 18/[46] e 19/[50], ambas da O0-O1, foram as únicas que apresentavam ossários. Verificou-se igualmente a presença de reduções junto aos indivíduos 8/[43] da sondagem W3-2 e ao 17/[43] da sondagem O0-O1. As reduções eram colocadas junto ao crânio ou aos pés e o único ossário encontrado no interior de uma sepultura foi colocado sobre os membros inferiores do indivíduo (fig. 8.9). Os restantes dois ossários registados localizavam-se sobre duas tampas de sepultura. Comprova-se assim a reutilização do espaço funerário. No entanto, importa referir que as sepulturas mais antigas, datadas por radiocarbono entre o século VI e o VIII, não apresentavam reduções ou ossários, ao contrário das mais recentes (séc. XI-XII).



Figura 8.9. Ossário u.e. [54]

Os enterramentos não tinham espólio associado, com excepção da sepultura 9/[20] (Sond. R9). Nesta sepultura foi encontrado um anel em prata decorado (fig. 8.10) que poderia



Figura 8.10. Anel em prata descoberto na sepultura 9/[20]

pertencer ao indivíduo aí sepultado, mas por se encontrar envolvido na terra que o cobria (e dado que o esqueleto se encontrava em muito mau estado de conservação), não foi possível associá-lo directamente ao enterramento. No entanto, dadas as características do anel (ainda em estudo, mas aparentemente de época visigótica) e a datação do indivíduo (século VII) é bem possível que lhe tenha pertencido.

4. ESTUDO ANTROPOLÓGICO

4.1. MATERIAL

Os indivíduos exumados da necrópole de Castro de Avelãs foram objecto de análise paleobiológica no Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. O material osteológico encontrava-se acondicionado em sacos de plástico, individualizado por área anatómica (crânio, membros superiores e inferiores, costelas, vértebras, etc.) e lateralidade, tendo inicialmente sido sujeito aos processos de limpeza, restauração e respetiva inventariação.

No total foram recuperados 33 indivíduos, 21 provenientes da campanha de 2012, representados por 20 esqueletos *in situ* e uma redução (5[36]), separada do indivíduo depositado posteriormente por duas lajes de xisto, e 12 reconhecidos nos trabalhos arqueológicos de 2013. Para além destes foram também identificados cinco ossários, quatro na campanha de 2012 e um na de 2013. Importa referir que os restos ósseos humanos resgatados em 2013 ainda não foram alvo de estudo laboratorial, contudo o seu fraco estado de preservação compromete de forma irremediável a sua análise paleobiológica.

Neste trabalho debruçar-nos-emos apenas sobre os 21 esqueletos exumados durante a campanha de 2012.

4.2. METODOLOGIA

A diagnose sexual e a estimativa da idade à morte constituíram os primeiros parâmetros perscrutados, tendo-se recorrido aos métodos de Bruzek (2002), Buikstra e Ubelaker (1994) e Ferembach *et alii* (1980) que avaliam, respetivamente, a morfologia do osso íliaco e do crânio na diagnose sexual dos adultos. Para além da análise morfológica empregaram-se ainda métodos métricos, como o desenvolvido por Silva (1995) para o calcâneo e o talus e de Wasterlain (2000) para os ossos longos. O sexo não foi estimado nos não adultos, uma vez que se consideram pouco credíveis os métodos existentes. As diferenças morfológicas entre os dois sexos neste grupo são muito subtis, dada a ausência dos caracteres sexuais secundários.

Na estimativa da idade à morte dos indivíduos adultos optou-se pelos métodos de Suchey e Brooks (1990), que se baseia na análise da metamorfose da sínfise púbica, e de Lovejoy *et alii* (1985), sustentado nas alterações da superfície auricular, tendo-se utilizado também o método de Calce (2012) baseado na observação do acetábulo. Contrariamente à diagnose sexual, a estimativa de idade à morte de não adultos é mais fiável do que nos adultos, já que existem sequências bem definidas de desenvolvimento dos ossos e dos dentes (FEREMBACH *et alii*, 1980). Assim sendo, aplicou-se o método de Ubelaker (1989) que avalia a calcificação e erupção dentária e atendeu-se às tabelas presentes em Scheuer e Black (2008) no que ao comprimento das diáfises e das uniões epifisárias diz respeito.

O estudo morfológico da amostra compreendeu a estimativa da estatura dos indivíduos a partir de diversos métodos, nomeadamente Olivier *et alii* (1978), Mendonça (2000) e Santos (2002), estes últimos desenvolvidos a partir de amostras cadavéricas portuguesas.

No domínio da patologia foram pesquisadas as alterações mais comumente observadas no registo arqueológico, como sejam as patologias oral, degenerativa e traumática e os indicadores de stress fisiológico. Após o registo dos

dentes presentes e perdidos *ante e post mortem*, observou-se macroscopicamente e, quando necessário, com o auxílio de uma lupa a presença de cárie dentária, segundo o método de HILLSON (2001, adaptado por WASTERLAIN, 2006), o tártaro, bem como o desgaste dentário (BROTHWELL, 1981), este último não considerado como uma patologia (HILLSON, 2005). As hipoplasias do esmalte dentário também foram registadas.

A osteoartrose, doença que tende a surgir com o movimento articular, associado à idade, ao sexo, à obesidade e a fatores genéticos, entre outros (WALDRON, 2009), foi avaliada através do método proposto por Assis (2007, adaptado de BUIKSTRA e UBELAKER, 1994) que considera uma escala de oito graus. Na avaliação das alterações da entese, interpretadas como marcadores de stresse ocupacional, indicativo de um trabalho repetitivo efetuado durante um longo período de tempo (CUNHA, 1994), obedeceu-se às recomendações de Mariotti *et alii* (2004).

Ainda através da observação macroscópica procurou-se identificar possíveis lesões traumáticas, como fracturas ou deslocações (ORTNER, 2003), bem como a presença de *cribra orbitalia* e de hiperostose porótica, indicadores de stresse fisiológico a que o indivíduo esteve sujeito.

Relativamente aos ossários foi estimado o número mínimo de indivíduos representados através do método de Herrmann *et alii* (1990, adaptado por SILVA, 1993).

4.3. RESULTADOS

4.3.1. Estado de preservação

O estado de preservação da amostra é bastante variável, tendo sido registados indivíduos representados por pequenos fragmentos ósseos somente identificáveis *in situ* e outros muito bem preservados, com a recuperação de praticamente todos os ossos do esqueleto (fig. 8.8). Tal, muito provavelmente, fica a dever-se ao tipo de sepultura em que o indivíduo foi inumado, uma vez que aqueles que apresentam fortes alterações tafonómicas e que se encontram em pior estado de preservação estavam cobertos pelo xisto retirado aquando da abertura do covacho.

4.3.2. Diagnose sexual e estimativa da idade à morte

O sexo foi perscrutado em 17 indivíduos adultos, tendo-se conseguido chegar a um diagnóstico em 13 destes, sendo que seis (46,15%) pertencem ao sexo feminino e sete ao masculino (53,85%). De referir que o sexo de um dos indivíduos foi estimado apenas através de medidas realizadas no campo. O fraco estado de preservação inviabilizou a obtenção deste parâmetro nos restantes quatro adultos.

Foi possível avançar com um intervalo etário em 13 dos indivíduos estudados, dos quais quatro são não adultos e os restantes nove adultos (tabela 8.2). Em oito indivíduos, este parâmetro não pôde ser avaliado dado o estado de preservação da amostra.

Indivíduo	Idade à morte (anos)	Sexo
3/[25]	40-50	Feminino
5/[36]	> 25	Masculino
7/[41]	13-19	—
8/[43]	30-50	Feminino
10/[18]	11-18	—
11/[15]	25-40	Masculino
12/[2]	40-60	Masculino
14/[28]	6-10	—
16/[38]	20-60	Masculino
17/[43]	40-50	Masculino
18/[46]	50-65	Feminino
19/[50]	20-30	Masculino
20/[30]	0-2	—

Tabela 8.2. Idade à morte dos indivíduos exumados em TVCA

4.3.3. Morfologia

A estatura dos indivíduos foi estimada em apenas sete indivíduos, um deles através de medidas tiradas em campo (01/[2]), tendo sido dada preferência ao método de Mendonça (2000) por se tratar de um estudo realizado sobre uma amostra portuguesa.

Indivíduo	Sexo	Estatura (cm)	Ossos
01/[2]	M	171,01±6,90	Fémur
11/[15]	M	180,33±6,90	Fémur
12/[2]	M	169,15±6,90	Fémur
16/[38]	M	165,65±8,44	Úmero
17/[43]	M	167,55±6,90	Fémur
18/[46]	F	166,59±5,92	Fémur
19/[50]	M	165,15±6,90	Fémur

Tabela 8.3. Estatura dos indivíduos exumados em TVCA

4.3.4. Afinidade populacional / paleogenética

Um dos indivíduos analisados, o 11/[15] da sondagem R9/S9, datado de 970±30 anos BP, apresentava características morfológicas ao nível do crânio compatíveis com uma eventual ascendência africana, designadamente um crânio longo e baixo, com uma cavidade nasal larga, órbitas retangulares, uma área interorbitária larga e o pa-

lato hiperbólico (CARVALHO, 2006, adaptado de BYERS, 2002) (fig. 8.11).

Esta suspeita fez com que fossem enviados para análise paleogenética, realizada nos laboratório de ADN antigo do GROB (Grup de Recerca en Osteobiografia de la UAB), da Universitat Autònoma de Barcelona, dois dentes e dois ossos: um terceiro molar superior direito e uma fíbula esquerda pertencentes a este indivíduo, e um primeiro molar inferior direito e uma fíbula direita do indivíduo 18/[46]. Os resultados da análise de ADN mitocondrial à dentina confirmou o sexo masculino do indivíduo 11/[15] não tendo sido, no entanto, possível a identificação sexual do segundo indivíduo, considerado feminino através da análise macroscópica. Os haplogrupos determinados por sequenciação estão em concordância com os encontrados actualmente em Portugal, sendo tipicamente Europeus, não podendo, contudo, ser excluída uma eventual origem africana, já que ambos os haplogrupos se encontram igualmente no continente Africano, apesar de surgirem em baixas frequências (AFONSO *et alii*, 2014). Para o in-

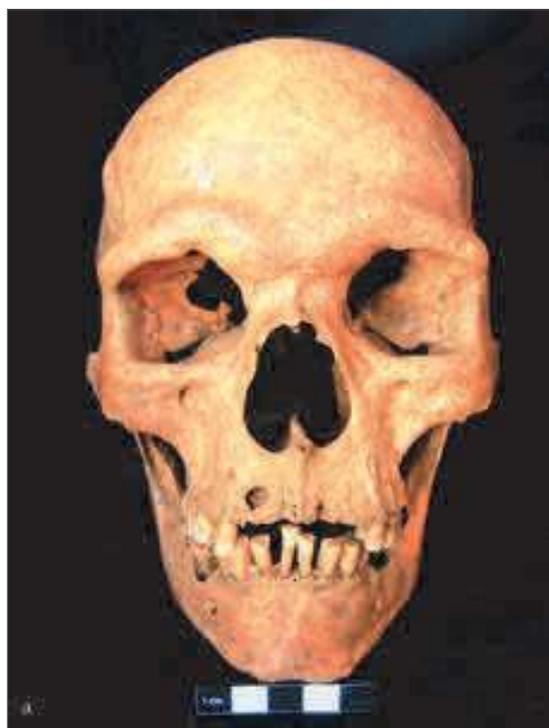


Figura 8.11. Crânio pertencente ao indivíduo 11/[15]. a-norma anterior; b-norma inferior

divíduo 11/[15] foi identificado o haplogrupo mitocondrial V que apresenta uma distribuição regional mais limitada do que a registada para o indivíduo 18/[45], sendo sobretudo observado no Noroeste Europeu e Norte de África, com frequências moderadas na Península Ibérica (12% na população Basca) e elevada nos Saami da Escandinávia, com 52% (AFONSO *et alii*, 2014). O indivíduo 18/[46] pertence ao haplogrupo H. Segundo Afonso *et alii* (2014) este haplogrupo apresenta uma elevada frequência na Europa, entre os 40 e os 50%, representando 44% da variação do ADN mitocondrial na Península Ibérica, 22% no Médio Oriente, 25% no Norte de África e 9% na Península Arábica. Qualquer relação matrilinear entre os dois indivíduos foi descartada.

4.3.5. Análise paleopatológica

A patologia oral foi passível de análise em 13 indivíduos adultos, dos quais oito apresentavam cáries (61,53%, 8/13), quatro do sexo masculino, três do sexo feminino e um de sexo indeterminado. Os dentes mais afectados foram os pré-molares superiores (35%, 8/23) seguidos dos molares inferiores (26%, 6/23). De notar a ausência de cáries nos caninos e nos incisivos. Relativamente ao desgaste dentário é claro o predomínio dos graus 3 (65%, 11/17) e 4 (76%, 13/17) que traduzem um desgaste intermédio. Os graus 2 e 5 foram observados no mesmo número de indivíduos (7/17, 41%) e o grau 6 em quatro indivíduos, constituindo 22% da amostra. Os graus 1 (17%, 3/17) e 7 foram registados menos vezes, não tendo sido notado qualquer grau 8. Em 11 indivíduos foi observada a presença de tártaro (84,62% 11/13) e em nove indivíduos foram identificadas hipoplasias lineares do esmalte dentário (69,23%, 9/13).

Na análise da patologia degenerativa articular verificou-se que as articulações mais afectadas são o ombro (87,5%, n=14), o joelho (83,3%, n=15) e a anca (82,1%, n=23), enquanto o punho (52,4%, n=11), o cotovelo (60%, n=12) e a mão (60%, n=6) constituem as articulações com menos lesões degenerativas. Nas vértebras, a osteoartrose não pôde ser avaliada em oito indivíduos (41,2%, n=8/17), sete por não apresentarem vér-

tebras e um por não ser observável por alterações tafonómicas. Em cinco indivíduos (29,4%) foi registada a presença de labiação (grau 1), enquanto o grau 4 (labiação e porosidade) foi observado em 4 casos (23,5%). O grau 2 (porosidade) foi identificado em apenas dois casos (11,8%).

As alterações da entese, indiciadoras de um esforço físico repetido, foram registadas em nove indivíduos sobre um total de dez observáveis, sendo mais recorrentes nas inserções dos músculos *triceps brachii* (50%, 4/8) e *biceps brachii* (60%, 3/5). As inserções do *gluteus maximus* apresentam igualmente alterações (50%, 4/8), bem como as do *flexor digitorum superficialis* (57%, 4/7).

Por último, no que a trauma diz respeito, o indivíduo 11/[15] que exibia características morfológicas particulares, apresenta um trauma contundente na zona posterior do parietal direito (fig. 8.12).



Figura 8.12. Crânio norma lateral (Ind. 11/[15])

Aparenta, também, ter sofrido de uma patologia congénita rara caracterizada pela fusão não óssea do calcâneo-cubóide, e exhibe evidências de osteocondrite dissecante na faceta articular do calcâneo direito (fig. 8.13).

Quanto aos indicadores de stress fisiológico apenas foi identificado um caso de hiperostose porótica num indivíduo de sexo masculino (05/[36]), com lesões localizadas nos parietais, caracterizando-se por uma microporosidade bastante concentrada.



Figura 8.13. Calcâneos esquerdo e direito. Seta: possível fusão não óssea calcâneo-cubóide. Círculo: possível osteocondrite dissecante

4.3.6. Paleodieta (primeira abordagem)

Para além do estudo paleogenético foram realizadas análises de isótopos estáveis de carbono e de azoto, no Research Laboratory of Archaeology and History of Art (RLAHA), University of Oxford, em 11 amostras humanas e 9 faunísticas com o propósito de caracterizar a dieta destes indivíduos. Da sua análise preliminar, 5 amostras ósseas, quatro humanas e de um ovicaprídeo tiveram de ser excluídas, já que os valores de C:N se encontravam fora do intervalo de 2,9 a 3,6 definido por DeNiro (1985) como aceitável no sentido de assegurar a integridade do colagénio ósseo. Estas amostras foram novamente analisadas, sendo os seus resultados aguardados.

Após a exclusão destas cinco amostras observa-se um valor médio de $\delta^{13}\text{C}$ no colagénio ósseo humano de $-19,32\text{‰} \pm 0,20$ ($n=7$) e de $\delta^{15}\text{N}$ de $8,97\text{‰} \pm 1,10$ ($n=7$). Estes valores refletem uma dieta rica em proteínas terrestres de origem animal, sendo evidente uma grande homogeneidade nos valores de $\delta^{13}\text{C}$, por oposição aos de $\delta^{15}\text{N}$, um pouco mais heterogéneos, o que pode eventualmente reflectir um consumo ligeiramente superior de recursos alimentares de origem animal por parte de alguns indivíduos. Esta diferença poderá, assim, indiciar a uma certa diferenciação social que, carece, no entanto, de confirmação. Não obstante o reduzido tamanho da amostra não são notadas diferenças no regime alimentar entre os sexos. Quando comparamos estes valores com os obtidos em quatro comu-

nidades rurais medievais da região de Álava, no País Basco, datadas dos sécs. VIII a XIV, são notados valores médios de $\delta^{13}\text{C}$ similares em Zaballa ($-19,8\text{‰}$, $n=14$), Treviño ($-19,6\text{‰}$, $n=15$) e Aistra (de -19‰ , $n=35$), mas superior em Zornoztegi ($-18,1\text{‰}$, $n=7$). O valor médio de $\delta^{15}\text{N}$ é igualmente similar em Zaballa (9‰ , $n=14$) e em Zornoztegi ($8,3\text{‰}$, $n=7$), sendo superior em Treviño ($9,6\text{‰}$, $n=15$) e inferior em Aistra ($7,9\text{‰}$, $n=35$) (QUIRÓS CASTILLO, 2013). Segundo J.A. Quirós Castillo (2013) a dieta de Treviño e Zaballa caracterizar-se-ia por um maior consumo de proteína de origem animal que o autor, atendendo ao contexto social dos sítios, considera decorrer da presença de grupos sociais elevados, já que os restos ósseos humanos analisados de Treviño provêm de um cemitério existente no centro senhorial fortificado e em Zaballa foram identificadas durante as escavações a presença de elites locais. Zornoztegi e Aistra teriam uma dieta omnívora, com a inclusão de plantas do tipo C4, dados os valores máximos de $\delta^{13}\text{C}$ de $-16,7\text{‰}$ observados para ambos os sítios (QUIRÓS CASTILLO, 2013). Os valores de $\delta^{13}\text{C}$ obtidos para Torre Velha, não indiciam o consumo de plantas do tipo C4.

Foram também enviadas para os laboratórios da Memorial University of Newfoundland, no Canadá, sete dentes para análise de estrôncio, carbono e oxigénio com o intuito de avaliar a mobilidade desta pequena amostra. Os resultados são esperados a qualquer momento.

5. DISCUSSÃO (ESTUDO ANTROPOLÓGICO – RESULTADOS PRELIMINARES)

A amostra estudada não pode ser considerada representativa da população integral do sítio, nem tão pouco de um período exclusivamente centrado no séc. VI-VIII, uma vez que há também enterramentos de um período posterior, estendendo-se pelo menos até ao séc. XII, os quais, nesta fase, não é possível isolar, por não surgirem materiais datáveis associados e dada a ausência de datações radiocarbónicas (não obstante as prováveis diferenças crono-tipológicas que as sepulturas apresentam). No entanto, no conjunto de sepulturas identificadas, podemos constatar que se encontram representados indivíduos de ambos os sexos, bem como de todas as idades, o que indica que, aparentemente, durante os séculos (v)VI-XII

não havia distinções em relação aos enterramentos no que concerne ao sexo e à faixa etária.

Os indivíduos analisados são no geral bastante robustos, salientando-se o caso do indivíduo 11/[15], datado de 970 ± 30 BP, que apresenta características observadas com mais frequência em populações africanas. Os resultados da análise mitocondrial não permitiu esclarecer cabalmente este aspecto, aguardando-se os resultados da mobilidade humana. Relativamente à lesão no calcâneo deste indivíduo, como diagnóstico diferencial podemos avançar com a possibilidade de se tratar de uma lesão traumática, uma doença infecciosa ou de um caso de artrite degenerativa. No entanto, a lesão aparenta ser uma fusão não óssea entre o calcâneo e o cubóide pela ausência de *lipping* e porosidade, bem como pelo facto de só estar presente neste osso (SILVA, 2005, 2010, 2011).

Na patologia oral é de salientar a grande predominância de tártaro (84,62%) o que pode sugerir uma preferência de consumo de proteínas de origem animal por parte destes indivíduos, o que aparentemente é corroborado pelos resultados da análise de isótopos estáveis de carbono e de azoto – estes valores poderão resultar numa economia muito baseada na criação de gado e também na prática habitual e consumo de caça. A percentagem de cáries é também elevada (c. 53,85%), indicando a inclusão na dieta de alimentos ricos em hidratos de carbono.

No estudo antropológico falta ainda aprofundar o estudo dos ossários e tentar colher alguma informação em laboratório dos indivíduos exumados em 2013.

6. CONCLUSÃO

Ainda que se trate de um estudo preliminar, a análise efetuada em termos de arqueologia e antropologia funerária permite por agora destacar alguns aspectos. Antes de mais, para este tempo longo da Alta Idade Média, foram sete as tipologias atribuídas às diversas sepulturas, tendo sido possível observar neste espaço funerário uma predominância (32%) dos covachos simples abertos no substrato rochoso, sem tampa, delimitados por pequenas pedras e lajes de xisto (CASR.LX; N=11/34). As sepulturas mais antigas, datáveis por radiocarbono do séc. VI-VIII, enquadram-se nesta tipologia – as que poderão ser contemporâneas do eventual espaço de culto

(possivelmente do séc. V-VII) também apresentam esta estruturação muito rudimentar. Neste grupo são raras as que aparecem com tampa e aquelas que a têm revelam-se mediante simples montículos de pequenas lajes de xisto que assinalam as sepulturas. As mais recentes, datadas do século XII(/XIII), apresentavam-se, maioritariamente, com tampas bem estruturadas, reveladas por largas lajes de xisto depositadas sobre covachos simples e sem estrutura pétrea delimitadora (as que aparecem delimitadas apresentam-se com uma ou duas lajes aos pés e na cabeceira). Todos estes enterramentos encontravam-se em posição tipicamente cristã. Recorrente em todas as sepulturas, independente da sua cronologia, é a completa ausência de espólio associado, parecendo estar de acordo com o habitual despojamento cristão.

A amplitude espacial e, sobretudo, cronológica do espaço funerário descoberto, a sua relação inicial com um provável espaço de culto paleo-cristão que julgamos ter identificado em 2013, e vestígios de uma área habitacional genericamente inscrita na Antiguidade Tardia, aconselham o prosseguimento dos trabalhos de campo neste sítio. Por sua vez, dadas as características morfológicas particulares desta amostra osteológica (e face ao singular quadro cronológico em que se inscrevem), será também extremamente importante dar continuidade às escavações arqueológicas, seguidas dos indispensáveis estudos bioarqueológicos. Esta investigação, num lugar com tais contornos, poderá assumir ainda maior destaque face à escassez ou quase ausência de trabalhos publicados neste domínio temático e cronológico para a região portuguesa a norte do Douro e para este nordeste transmontano em particular.

Em suma, os resultados destes recentes trabalhos de campo e de laboratório contribuíram de modo significativo para uma avaliação mais fundamentada da Torre Velha sob o ponto de vista científico e patrimonial. Tendo em conta os novos dados que resultaram das escavações de 2012 e 2013, articulados com as informações anteriores sobre o sítio e com a análise comparativa efetuada relativamente a outros sítios e vestígios conhecidos (descobertos nomeadamente onde hoje se situa a cidade de Bragança-AAVV, 2004), parece-nos que se apresenta agora reforçada a hipótese de a Torre Velha em Castro de Avelãs poder corresponder à sede do *pagus* suévico de *Bri-*

gantia, sucessora provável da capital de *civitas* dos *Zoelae*.

Esta correspondência, porém, não pode ainda ser afirmada como incontestável ou inequívoca. Outros dados, mais esclarecedores, precisam de ser recuperados. Torna-se assim necessário dar continuidade aos trabalhos de campo na Torre Velha e potenciar a investigação em áreas de fronteira: não só em termos cronológico-temáticos, mas essencialmente a nível disciplinar, na medida em que a investigação arqueológica encontra na investigação paleobiológica um interlocutor privilegiado para trabalhar não só esta questão dos espaços funerários mas toda a problemática histórica que marca estes tempos recuados (e ainda obscuros) do nordeste transmontano.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2004): *Bragança, um olhar sobre a História*. [Bragança]: Sociedade Polis de Bragança.
- AFONSO, C., SIMÓN, M., MALGOSA, A. (2014): *Análise paleogenética de dois indivíduos do local arqueológico de Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança-Portugal)*. Relatório laboratorial. Barcelona, GROB-Universitat Autònoma de Barcelona.
- ALARCÃO, J. (1988a): *Roman Portugal*, vol. II, fasc. 1. Mem Martins: Europa-América (Forum da História; 1).
- (1988b): *O domínio romano em Portugal*. Europa-América (Forum da História; 1).
- (1990): «O reordenamento territorial», in J. de Alarcão (coord.), *Portugal: das origens à romanização*, Lisboa: Presença (Nova História de Portugal; 1), pp. 352-382.
- (2001): «As paróquias suélicas do território actualmente português», in F. Villar e M.^aP. Fernández Álvarez (eds.), *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania*, Univ. Salamanca, pp. 29-59.
- ASSIS, S.S.D. (2007): *A memória dos rios no quotidiano dos homens: contributo de uma série osteológica proveniente de Constância para o conhecimento dos padrões ocupacionais*, Dissertação de Mestrado em Evolução Humana, Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- AZEVEDO, R. DE, COSTA, A.J. DA, PEREIRA, M.R. (1979): *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, Vol. 1, Coimbra.
- BRUZEK, J. (2002): «A method for visual determination of sex, using the human hip bone», *American Journal of Physical Anthropology*, 117, pp. 157-168.
- BUIKSTRA, J.E., UBELAKER, D.H. (eds.) (1994): *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*, Arkansas Archaeological Survey Research Series Number 44.
- CALCE, S. (2012): «A New Method to Estimate Adult Age-at-Death using the Acetabulum», *American Journal of Physical Anthropology*, 148, pp. 11-23.
- CARVALHO, M.L.V. (2006): *Fordisc 2.0: Nova metodologia para a Antropologia Forense Portuguesa?* Tese de Mestrado em Medicina Legal. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra [Não publicado].
- COSTA, A.J. (1959): *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1959.
- FEREMBACH, D., SCHWIDETZKY, I., STOUKAL, M. (1980): «Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons», *Journal of Human Evolution*, 9, pp. 517-549.
- FERNANDES, A.A. (1997): *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*, Arouca.
- FERNANDES, P.A. (2012): «O estranho caso de uma igreja de tijolo», *Revista Monumentos* (Dossiê: Bragança), 32, IHRU, pp. 84-95.
- HILLSON, S. (2000): «Dental Pathology», in M. Katzenberg e S. Saunders (eds), *Biological anthropology of the human skeleton*, New York, Wiley-Liss, pp. 249-286.
- (2005): *Teeth*, Cambridge. Manuals in Archaeology. 2.^a Edição. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEMONS, F. S. (1993): *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Braga: [s. n.] (Tese de doutoramento em Pré-História e História da Antiguidade, Universidade do Minho, 1993).
- (2009): «Da proto-história à romanização», *Bragança marca a História, a História marca Bragança*, Bragança, pp. 103-111.
- LOVEJOY, C.O., MEINDL, R.S., PRYSBECK, T.R., MENSFORTH, R.P. (1985): «Chronological metamorphosis of the auricular surface of the

- ilium: a new method for determination of adult skeletal age at death», *American Journal of Physical Anthropology*, 68 (1), pp. 15-28.
- MARIOTTI, V., FACCHINI, F., BELCASTRO, M.G. (2004): «Enthesopathies – proposal of a standardized scoring method and applications», *Collegium. Antropologicum*, 28(1), pp. 145-150.
- MENDONÇA, M.C. (2000): «Estimation of height from the length of long bones in a portuguese adult population», *American Journal of Physical Anthropology*, 112, pp. 39-48.
- OLIVIER, G., AARON, C., FULLY, G., TISSIER, G. (1978): «New estimations of stature and cranial capacity in Modern Man», *Journal of Human Evolution*, 7 (6), pp. 513-518.
- ORTNER, D.J. (2003): *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. 2nd Edition. San Diego, Academic Press.
- PINHEIRO, J.H. (1888): «Relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro d' Avellãs no mez de Fevereiro de 1887 e sobre o reconhecimento que nas referidas ruínas fez José Henriques Pinheiro por conta da Sociedade Martins Sarmento», *Revista de Guimarães*, vol. V, pp. 71-96.
- QUIRÓS CASTILLO, J.A. (2013): «Los comportamientos alimentarios del campesinado medieval en el País Vasco y su entorno (siglos VIII-XIV)», *Historia Agraria*, 59, pp. 13-41.
- REDENTOR, A. (2002): *Epigrafia romana da região de Bragança*, Trabalhos de Arqueologia, 24, IPA, Lisboa.
- SANTOS, C.M. (2002): *Estimativa da estatura a partir dos metatársicos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de mestre em Medicina Legal.
- SCHEUER, L., BLACK, S., SCHAEFER, M. (2008): *Juvenile osteology: A laboratory and field manual*. Elsevier Inc.
- SILVA, A.C. (2011): *Ordo Zoelarum. Arqueologia e identidade do Nordeste de Portugal*. Museu do Abade de Baçal, Instituto dos Museus e da Conservação.
- SILVA, A.M. (1993): *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II. Estudo antropológico*. Relatório de Investigação em Ciências Humanas. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- (1995): «Sex assesment using calcaneus and talus», *Antropologia Portuguesa*, 13, pp. 107-109.
- (2005): «Non-osseous Calcaneonavicular Coalition in the Portuguese Prehistoric Population: Report of Two Cases», *International Journal of Osteoarchaeology*, 15, pp. 449-453.
- (2011): «Foot Anomalies in the Late Neolithic/Chalcolithic Population Exhumed from the Rock Cut Cave of São Paulo 2 (Almada, Portugal)», *International Journal of Osteoarchaeology*, 21, pp. 420-427.
- SILVA, A.M., SILVA, A.L. (2010): «Unilateral non-osseous calcaneonavicular coalition: report of a Portuguese archaeological case», *Anthropological Science*, 118(1), pp. 61-64.
- SUCHEY, J., BROOKS, S. (1990): «Skeletal age determination based on the pubis: a comparison of Ascadi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods», *Human Evolution* 5, pp. 227-238.
- TERESO, S., BRITO, A., UMBELINO, C., CIPRIANO, M., ANDRÉ, C., CARVALHO, P.C. [no prelo]: «O espaço funerário alto-medieval da Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança)», *Actas do II International Meeting on Archaeology of Transition: the Funerary World*, Évora-2013.
- WALDRON, T. (2009): *Palaeopathology*, Cambridge: Cambridge University Press.
- WASTERLAIN, R. (2000): *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção identificada do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- (2006): «Males» da boca: estudo da patologia oral numa amostra das coleções osteológicas identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (finais do séc. XIX/inícios do séc. XX). Doutoramento em Antropologia, especialidade em Antropologia Biológica. Universidade de Coimbra.
- WHITE, T.D., FOLKENS, P.A. (2005): *The Human Bone Manual*, Oxford. Academic Press.